

CAPITAL E TRABALHO NA ECONOMIA

DO PRAZER DE KANT

CAPITAL AND LABOUR IN KANT'S

ECONOMY OF PLEASURE

Nicolau Henrique Pereira da Silva Batista

Mestrando em Filosofia na UERJ

Bolsista da CAPES

<https://orcid.org/0009-0003-2024-8572>

<http://lattes.cnpq.br/4275056449779700>

nhpsbatista@hotmail.com

Resumo: Os dois principais objetivos do presente trabalho são: a demonstração de uma economia do prazer implícita na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Immanuel Kant, e uma subsequente análise desta a partir da filosofia de Georges Bataille e de comentários de Nick Land, de modo a explicitar suas semelhanças com a economia capitalista. A ponte que leva do prazer kantiano à economia capitalista é o texto *Delighted to death*, de Nick Land, no qual o autor compara brevemente a acumulação de capital no século XVIII com a acumulação de prazer proposta por Kant como uma máxima. Entretanto, é só com a descrição batailliana da burguesia que se chega a apontar as correlações políticas implícitas da teoria kantiana do prazer. O princípio da perda – que, segundo Bataille, é um princípio de economia geral – é evitado tanto por Kant quanto pela classe dominante no regime do capital. Através dos conceitos da economia geral de Bataille e da análise landiana do prazer em Kant, é possível mostrar que a economia do prazer kantiana é, também, uma economia política.

Palavras-chave: Kant; capitalismo; prazer; trabalho; Bataille.

Abstract: The two main goals of the present work are: the demonstration of an economy of pleasure implicit in Immanuel Kant's *Anthropology from a pragmatic point of view*, and a subsequent analysis of this based on Georges Bataille's philosophy and Nick Land's comments, in order to explain its similarities with the capitalist economy. The bridge that leads from Kantian pleasure to the capitalist economy is Nick Land's text *Delighted to death*, in which the author briefly compares the accumulation of capital in the 18th century with the

accumulation of pleasure proposed by Kant as a maxim. However, it is only with Bataille's description of the bourgeoisie that we can point out the implicit political correlations of Kant's theory of pleasure. The principle of loss – which, according to Bataille, is a principle of general economics – is avoided by both Kant and the ruling class in the capital regime. Through the concepts of Bataille's general economy and Landian analysis of pleasure in Kant, it is possible to show that Kant's economy of pleasure is also a political economy.

Keywords: Kant; capitalism; pleasure; labour; Bataille.

Introdução

Em um momento um tanto tardio de sua obra, o psicanalista Sigmund Freud passa a levar em conta o fator econômico do aparelho psíquico. O autor elabora, então, o energeticismo libidinal, no qual é considerada a movimentação ou o estado da libido na psique, ou seja, seu investimento ou dispersão, sua conservação ou eliminação. A libido que circula em estado livre é investida e, então, eliminada com a satisfação do aparelho. Essa consideração econômica da psique – chamada de metapsicológica – surge junto da descoberta da pulsão de morte no polêmico *Além do princípio de prazer* (1922) de Freud. Em resumo, a pulsão de morte seria o ímpeto do indivíduo “de retornar ao repouso do mundo inorgânico” (Freud, 2021, p. 201), o que significa, em termos econômico-libidinais, eliminar toda a libido que percorre o aparelho psíquico, entrando em um estado de satisfação plena ou, o que é o mesmo, de nulificação de desejo, ausência de estímulos: morte.

As considerações metapsicológicas de Freud provocaram considerável impacto, principalmente na filosofia francesa contemporânea. Décadas após a morte de Freud, Jean-François Lyotard (1993, p. 121-133) se esforça para demonstrar que “*toda economia política é libidinal*”. Nesse caso, não se trata tanto de mostrar o que há de político no desejo, mas, ao contrário, o que há de desejante e prazeroso no âmbito político, principalmente no caso específico do regime capitalista. É com base (também, mas não somente) em uma leitura bastante heterodoxa tanto da psicanálise quanto do marxismo, que Lyotard desenvolve sua economia libidinal. Tendo essas mesmas referências (além de

outras) reunidas em uma leitura diferentemente heterodoxa, Georges Bataille elabora a teoria de uma economia geral. Bataille, que antecedeu Lyotard, não estava preocupado em realçar o caráter libidinal presente na política, mas sim em encontrar princípios que regessem toda e qualquer economia, inclusive a política e a libidinal.

Pretendemos realizar um trabalho de certo modo contrário ao de Lyotard. Se seu objetivo era expor o prazer presente no âmbito político, visamos expor o que há de político por trás do prazer, e não de qualquer prazer, mas naquele que é desenvolvido na antropologia de Immanuel Kant especificamente. Para realizar tal feito, a principal base deste artigo é a economia geral de Bataille. Isso porque parte do que instiga nossa presente pesquisa é a estranha (e pouco desenvolvida) descrição de Nick Land “de Kant e do capital como dois lados de uma moeda”¹ (Land, 1992, p. 3) em seu livro sobre a filosofia batailliana, *The thirst for annihilation*. Em um artigo publicado um ano antes, *Delighted to death*, Land compara brevemente a acumulação capitalista com o acúmulo de prazer em Kant, não sendo esse, porém, seu o argumento principal. Juntando temas recorrentes nesses dois textos de Land, a saber, economia geral, economia libidinal, economia política (no capitalismo) e o prazer em Kant, pretendemos inserir a economia kantiana do prazer na economia geral de Bataille, ou ainda, explicar a primeira a partir da segunda, levando em conta breves considerações de Land sobre ambas.

A escolha da filosofia batailliana como base para a empreitada se justifica tanto pelo contexto da frase de Land que aproxima Kant e o capital, quanto pelo fato de sua economia – sendo ela *geral* – possibilitar a régua comum de análise para o prazer kantiano e a lógica acumulativa do capital, contanto que haja um fator econômico a ser visado nos dois casos. Com isso, intende-se adicionar uma camada à enigmática frase de Land segundo a qual Kant e o capital seriam dois lados da mesma moeda, entrando também na curta esteira de trabalhos que visam aproximar esses dois tópicos, embora focando em outros aspectos da filosofia kantiana e do capital.² Mas é importante ressaltar que nenhum dos

¹ No original, “*Kant and capital as two sides of a coin*”. Todas as citações no idioma original foram traduzidas por mim.

² Alguns exemplos dessa ordem são outros artigos de Land reunidos em *Fanged noumena*, a tese de Anna Greenspan (*Capitalism’s transcendental time machine*) e escritos de Iain Hamilton

autores citados acima se refere a uma *economia* do prazer em Kant (e apenas Land trabalha – ainda que brevemente – com a teoria kantiana do prazer), e, por isso, antes de qualquer coisa, é preciso mostrar que há uma economia do prazer em Kant, ou então não será possível aplicar as leis da economia geral de Bataille, e a mera tentativa seria absolutamente vã.

1 A economia do prazer de Kant

É altamente improvável que se possa falar de uma economia libidinal ao estilo freudiano na filosofia de Kant. O que parece possível – e aqui se argumentará a favor disso – é uma economia do prazer implícita na antropologia kantiana. Como Kant não usa a palavra libido, seria imprudente (e até anacrônico) defender uma economia libidinal em sua obra, mas o fato é que, ao falar de prazer e de dor, o autor se refere a um *quantum* que é elevado e reduzido de acordo com os sentimentos em questão – de modo semelhante à libido na metapsicologia freudiana, que é, de maneira geral, elevada ou eliminada de acordo com a dor e o prazer, embora de maneira bastante diversa do funcionamento presente na antropologia kantiana, como se verá a seguir. É nesse sentido que falamos em uma economia do prazer ao invés de uma economia libidinal, muito embora Freud permaneça, de certo modo, como a inspiração que possibilitou tal interpretação.

A primeira indicação para essa interpretação é a abordagem explicitamente quantitativa que Kant toma em relação aos sentimentos de prazer e desprazer. É em sua *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, publicada em 1798, que o autor define prazer e desprazer sensíveis como contentamento e dor respectivamente, e acrescenta que eles “[n]ão estão um para o outro como ganho e falta (+ e o), mas como ganho e perda (+ e -)” (Kant, 2006, p. 119/ VII 230).³ O ganho do contentamento é o do sentimento de promoção vital, enquanto a perda relativa à dor é o impedimento de vida, ou seja, o *quantum* intensificado ou atenuado é relativo à vitalidade – o que, nesse sentido, não é tão distante da

Grant (como *Xenopathy and xenogenesis*, por exemplo). Esses textos, porém, não versam sobre a questão do prazer em Kant e sua relação com o capitalismo.

³ A segunda paginação é referente à edição da Academia, *Kants gesammelte Schriften*.

libido freudiana. Poderia se argumentar que isso por si só não seria suficiente para justificar que se fale em uma economia dos sentimentos em questão. O que torna realmente *necessária* uma economia do prazer sensível ou contentamento na antropologia kantiana é o argumento da morte por júbilo, segundo o qual o acúmulo de ganhos do contentamento não pode prosseguir indefinidamente, pois há um limite. Kant se pergunta: “que outra coisa se seguiria de uma contínua promoção da força vital, que não se deixa elevar acima de um certo grau, senão uma rápida morte por júbilo?”⁴ (Kant, 2006, p. 120 / VII 231).

A necessidade dessa economia depende de que se leve a sério o argumento da morte por júbilo, o que significa entender a morte ali não em sentido figurado ou como uma metáfora, mas literalmente. É o que faz, por exemplo, Nick Land em seu artigo de 1991, *Delighted to death*, cujo título se refere justamente ao prazer na filosofia kantiana. Embora Land não utilize nesse texto a palavra “economia” ou outra diretamente relacionada, o autor dá passos na direção da afirmação da necessidade de uma economia do prazer na obra de Kant. No excerto que se segue, Land afirma que, para Kant,

[a] vida não é consumida pela morte na sua maior depressão, mas no seu apogeu, e, inversamente, é só o freio proporcionado pelo sofrimento que preserva o organismo em sua existência. É a dor que poupa a vida de um gozo imediato e aniquilador. Então Kant sugere que o prazer é a combustão da vida, e nós sobrevivemos fumegando (Land, 2011, p. 128).⁵

É nisso que se fundamenta a necessidade de uma economia do prazer; o princípio desta, porém, só será explicitado no decorrer da exposição. A dor tem, então, um papel de segurança vital: para evitar a morte por júbilo, a dor é necessária. Na verdade, Kant não apenas argumenta pela necessidade da dor, mas também afirma que “a melhor maneira de gozar a vida” é através de uma atividade dolorosa: o trabalho. O autor explica o porquê:

⁴ Tradução ligeiramente modificada. Clélia Martins traduz *Tod vor Freude* por “morte de júbilo”.

⁵ No original, “*Life is not consumed by death at its point of greatest depression, but at its peak, and inversely; it is only the brake provided by suffering that preserves the organism in its existence. It is pain that spares life for something other than an immediate and annihilating delight. So Kant suggests that pleasure is the combustion of life, and we survive by smouldering*

é uma ocupação penosa (em si desagradável e só satisfatória por seu resultado) e o repouso pelo mero desaparecimento de uma longa fadiga se transforma em prazer sensível, em satisfação; porque do contrário não seria nada apetecível (Kant, 2006, p. 121/ VII 232).

Sendo desagradável, o trabalho causa o sentimento de diminuição vital, mas o descanso que o procede causa contentamento. Não é de surpreender visto que se trata justamente da *Antropologia*, mas é notável que esse contentamento seja próprio do homem, uma vez que ele “é o único animal que tem de trabalhar” (Kant, 2021, p. 50). Além disso, Kant afirma que a natureza queria que o homem gozasse apenas da felicidade que ele conquistasse com sua própria razão, livre de seu instinto natural (Kant, 2022, p. 5), e que essa mesma natureza se preocupa não em providenciar o bem-estar do homem, mas em forçá-lo a trabalhar para que seja digno desse bem-estar. O trabalho tem, portanto, ao menos duas funções para Kant: a prevenção da morte por júbilo e a garantia do bem-estar.

2 A economia geral de Bataille

De acordo com Land (2011, p. 255), o trabalho também teria o sentido de “uma resistência à morte”⁶ na obra de Georges Bataille, exatamente como o é para Kant. Coincidemente ou não, Bataille ainda acompanha Kant na distinção do homem entre os demais animais através do trabalho e da razão (que Bataille chama de consciência). Bataille aponta que a disposição de alguém para o trabalho é inversamente proporcional ao fluxo de sua sexualidade, de modo que a dedicação ao trabalho diminui o apetite sexual. Um resumo dessas considerações sobre trabalho, sexualidade e a especificidade humana pode ser encontrado em seu famoso livro *O erotismo*:

Na medida em que o homem se definiu pelo trabalho e pela consciência, ele teve não apenas de moderar, mas desconsiderar e por vezes maldizer nele mesmo o excesso sexual. Em certo sentido, essa desconsideração desviou o homem, senão da consciência dos objetos, ao menos da consciência de si. Ela o engajou ao mesmo tempo no conhecimento do mundo e na ignorância de si. Mas, se o homem não tivesse primeiro se

⁶ No original, “*a resistance to death*”.

tornado consciente trabalhando, ele não teria conhecimento nenhum: não haveria senão a noite animal (Bataille, 2021, p. 188).

É notável a semelhança entre Bataille e Kant, filósofos a princípio tão distantes. Essa inesperada semelhança é mais um fator que incentiva a aplicação do princípio da economia geral batailliana (expostos na sequência do texto) à economia do prazer kantiana. Assim como o trabalho e a atividade sexual ocupam posições opostas na dinâmica entre os sentimentos de prazer e desprazer para Kant (não apenas por serem, respectivamente, dor e prazer, mas também por tenderem para lados opostos na balança entre a vida e a morte), a distância proporcional entre o trabalho e a sexualidade tem razões econômicas na filosofia batailliana, e sua explicação mais precisa passa necessariamente pelos termos da economia geral.

Antes da explanação dos conceitos básicos da economia geral, é importante ressaltar que sua aplicação não se restringe à produção e utilização de recursos pelos homens, sendo, antes, uma economia de toda a energia que percorre a matéria. Bataille indica o sol como o grande elemento que doa energia para a Terra sem receber nada em troca, sendo ele o responsável por todo o crescimento e consumo sobre o globo (Bataille, 2020, p. 50); a humanidade é só mais um elemento inserido nessa economia solar: “[n]a superfície do globo, produz-se um movimento que resulta do percurso da energia nesse ponto do universo. A atividade econômica dos homens apropria esse movimento, ela é a utilização, para certos fins, das possibilidades que dele resultam” (Bataille, 2020, p. 44). E tanto a escala global quanto a humana estão submetidas ao mesmo princípio (que será logo exposto) e devem ser analisadas da mesma maneira.

Há dois modos de consumo na consideração batailliana. O primeiro modo é o que garante o prolongamento da vida (ou do sistema) e das atividades produtivas desta usando apenas o mínimo necessário para tal, de modo que não haja nenhuma perda efetiva. O segundo modo é representado pelo conceito de dispêndio e é constituído por atividades desvinculadas da produção e da utilidade, assim como a arte e o sexo sem finalidade reprodutiva (Bataille, 2020, p. 21). Como a economia geral não tem restrição de área, vale ressaltar que a palavra “consumo” pode se referir tanto a energia do corpo em sentido biológico

quanto a recursos naturais e tudo o mais que seja consumível. Assim, o consumo produtivo é relacionado à manutenção da vida e, portanto, ao trabalho (a resistência à morte), enquanto o dispêndio é a aproximação da morte ou a morte ela mesma, como o prazer da satisfação sensível que arrisca a morte por júbilo. Land (1992, p. 27-57) chega a inserir a pulsão de morte freudiana no contexto da economia geral, de modo que torna possível compreender essa pulsão como uma tendência ao dispêndio (do próprio indivíduo e do que mais se possa consumir ou destruir, já que a pulsão de morte frequentemente tem outra coisa que não o eu como objeto (Freud, 2021, p. 177). Assim, o princípio da perda seria, segundo Land, como a pulsão de morte saindo do domínio psíquico e abrangendo toda a matéria – passando de uma economia restrita (libidinal do aparelho psíquico) a uma economia geral. Relacionando de uma só vez a sexualidade ao dispêndio e à morte, Bataille afirma em *O erotismo* que

no momento da febre sexual (...) gastamos nossas forças sem medida e, por vezes, na violência da paixão, dilapidamos sem proveito recursos consideráveis. A volúpia está tão próxima da dilapidação ruinosa que chamamos de “pequena morte” o momento de seu paroxismo (Bataille, 2021, p. 197).

Em atividades dispendiosas como o sexo desviado da finalidade reprodutiva e o sacrifício, rege o princípio da perda, segundo o qual a atividade alcança seu real sentido quanto maior for a perda requerida, isto é, quanto maior for o dispêndio realizado. Em seu livro *A parte maldita*, Bataille expõe o funcionamento do princípio da perda nas mais diversas sociedades. Seja nas manifestações ritualísticas, nos confrontos entre grupos ou no mero lazer, o princípio da perda esteve operante em toda forma de socialidade humana como algo que constitui valor. Na verdade, mais do que um elemento valorativo, o princípio da perda é mesmo uma condição para certos sistemas como o organismo e até mesmo um bioma, pois não podem crescer indefinidamente, havendo um limite para sua produção; a energia precisa ser consumida (o é necessariamente), e mesmo a morte dos organismos é uma necessidade não somente para os próprios, mas também para o meio em que habitam. Antes, a produção e o crescimento é que só são possíveis unicamente pelo e para o

dispêndio: “[e]m outras palavras, o crescimento possível é reduzido a uma compensação das destruições operadas” (Bataille, 2020, p. 53).

Como já foi dito anteriormente, essas descrições de economia geral correspondem ao funcionamento da matéria e, portanto, da natureza, e não unicamente dos sistemas de troca e dos modos de produção humanos (que seriam, na verdade, eles próprios ordenados de acordo com o princípio da perda). A passagem de uma economia humana (ou qualquer outra que tenha restrição de área) à economia geral é a realização, de acordo com Bataille (2020, p. 48), de uma “mudança copernicana” que põe ao contrário o pensamento e a moral. Sendo assim, o real problema do capitalismo – para Bataille – não é a exploração da maior parte da população por uma minoria que detém os meios de produção, pois isso se trataria de uma crítica meramente moral; o problema se concentra, antes de qualquer coisa, no caráter antinatural da existência da classe burguesa. Antinatural porque a burguesia – enquanto classe que visa a máxima acumulação de recursos e riquezas – nega a função do princípio da perda a nível social. O dispêndio tem um papel social que é alcançado seja ritualisticamente, seja pela arte ou pelos jogos, papel esse que é negado pela classe dominante, a burguesia, à classe trabalhadora, à qual é reservado unicamente o consumo produtivo e o dispêndio mínimo que, na prática, não é mais do que “a condição (...) da atividade social produtiva” (Bataille, 2020, p. 20).

A crítica mais profunda ao sistema capitalista e o meio de superação de seus problemas levantados por Bataille fogem ao propósito do presente trabalho. O que é importante ressaltar é a distinção entre consumo produtivo e dispêndio (e as atividades associadas aos dois modos), assim como o significado e a abrangência do princípio da perda e sua negação pela burguesia no capitalismo.

3 Capital e trabalho

De modo parecido com a distinção batailliana entre as duas partes do consumo, Kant diferencia dois modos de contentamento: a cultura e o desgaste.⁷

⁷ A palavra aqui traduzida por “desgaste” é a alemã *Abnutzung*. A tradutora Clélia Aparecida Martins a traduziu por “consumo”, o que seria problemático para o presente artigo, uma vez que

Atividades do primeiro modo são aquelas que aumentam a capacidade de que se contente com mais dessas mesmas atividades; o estudo e as belas artes são prazeres sensíveis deste tipo, pois quanto mais se frui deles, mais desenvolvida é a recepção e o preparo para maiores satisfações da mesma ordem. O desgaste, por sua vez, é um tipo de contentamento do qual, quanto mais se tem, menos se é capaz de gozar dele futuramente, pois a recepção para tal seria como que embrulhada pelas fruições. Seu exemplo mais notório é a atividade sexual. Logo após a exposição desta distinção, Kant faz uma recomendação que ressoa a distância entre sexualidade e trabalho na obra de Bataille:

Jovem! (eu repito), acostuma-te a amar o trabalho, recusa-te os contentamentos, não para *renunciar* a eles, mas para tanto quanto possível mantê-los sempre à vista! Não embute prematuramente a receptividade para eles com a sua fruição! A maturidade, que nunca permite que se lamente a privação de cada fruição física, assegurar-te-á justamente com esse sacrifício um capital de satisfação que é independente do acaso ou da lei natural (Kant, 2006, p. 125-126 / VII 237).

A afirmação de Bataille de que a disposição para o trabalho e o apetite sexual são inversamente proporcionais em um indivíduo segue a mesma lógica da citação acima. A atividade sexual não reprodutiva é um modo de dispêndio, ela representa uma perda efetiva para a economia energética do indivíduo, uma vez que ela não somente tem apenas a si mesma como fim, mas também diminui a capacidade para a atividade produtiva. Além disso, ela é uma forma de desgaste, pois reduz a capacidade que um indivíduo tem de acumular prazer.

Muito embora seja verdade que o excesso de prazer sensível represente um problema fatal para Kant, a morte por júbilo, este parece ser o caso unicamente do desgaste, e não da cultura, à qual Kant recomenda que o indivíduo se entregue por se tratar de um prazer honroso⁸ (Kant, 2006, p. 126 / VII 237). Na verdade,

consumo é um conceito de Bataille aqui empregado ostensivamente. Por esta razão, optamos por traduzir *Abnutzung* por desgaste.

⁸ Apesar de Kant usar o conceito de contentamento (*Vergnügen*) para se referir tanto ao desgaste como à cultura como formas de prazer sensível, em dados momentos, o autor usa inadvertidamente o conceito para se referir a apenas uma dessas duas formas. É possível observar que nas duas últimas referências do presente artigo (situadas na mesma página do texto alemão, VII 237), Kant recusa e, depois, recomenda o contentamento, não especificando, no primeiro caso, a qual tipo, ficando claro apenas pelo contexto que se refere ao desgaste. Do mesmo modo,

Kant está constantemente preocupado em acumular tanto prazer quanto possível. Como o próprio filósofo afirma, o acúmulo de satisfação sensível é de extrema importância em sua teoria do prazer:

Contudo, qualquer que seja o caminho por que se possa buscar o contentamento, é uma máxima capital, como já se disse acima, dosar-se para que sempre se possa ter mais dele; pois estar saciado produz aquele estado repugnante que torna a própria vida um fardo (Kant, 2006, p. 125 / VII 237).

Curiosamente, mesmo o prazer advindo das satisfações sexuais deve ser prolongado, segundo Kant. Isso não pode ocorrer, evidentemente, através de uma atividade mais intensa, visto que há o risco da morte por júbilo. A descrição de Kant de como ocorre o prolongamento do prazer sexual não é nada óbvia, e é feita no contexto de uma elaboração do começo da história humana. O filósofo considera a passagem do estado de mera animalidade à condição de ser racional na gênese da história humana, destacando os primeiros passos do desenvolvimento da razão no ser humano:

Após o instinto para nutrir-se, por meio do qual a natureza conserva cada indivíduo, o mais importante é o *instinto sexual*, graças ao qual se vê conservada a espécie. A razão, uma vez desperta, não tardou a exercer sua influência também sobre este. O homem logo verificou que o estímulo sexual, que nos animais repousa somente sobre uma impulsão passageira e, a maior parte das vezes, periódica, nele era possível prolongar-se e até mesmo ser acrescido da imaginação, que opera com moderação, mas, ao mesmo tempo, com maior duração e regularidade, à medida que o objeto é *subtraído aos sentidos*, evitando-se, assim, a saciedade que a satisfação de um simples desejo animal traz consigo. A folha de figueira foi, portanto, o resultado de uma manifestação da razão mais importante do que todas as outras por ela realizadas na primeira etapa de seu desenvolvimento (Kant, 2010, p. 19 / VIII 112-113).

No início, então, o instinto sexual não era impedido por nada senão seu próprio apetite, diminuído a cada satisfação que encontrava. Posteriormente, porém, a razão logo intervém, pondo fim ao império dos instintos, mas não para

pretende-se aqui mostrar que a morte por júbilo também se aplica somente a uma forma de contentamento, o desgaste.

diminuir o prazer – ao contrário, a razão intervém de modo a aumentar o capital de prazer, uma vez que a folha de figueira – “resultado de uma manifestação da razão” – esconde as partes sexuais, prolongando, assim, a tensão sexual e evitando a satisfação imediata do sexo. Mesmo a razão tem, de acordo com Kant, interesse no prolongamento do prazer, e a folha de figueira o realiza sem o risco da morte por júbilo. Como afirmou Nick Land sobre o prazer em Kant: “Se o prazer deve ser suspenso, isso se deve, ao menos em parte, porque ele deveria ser capitalizado”⁹ (Land, 2011, p. 128), ou seja, elevado mais pela excitação do que pelo consumo imediato, que é associado à animalidade na passagem acima, e à morte no caso de excesso, como se vê na *Antropologia*.

A máxima da economia kantiana é acumular o máximo de prazer possível, como o próprio filósofo afirma (Kant, 2006, p. 125/ VII 237), o que significa nunca se satisfazer completamente. Concordando com Land, agora vimos que o limite da acumulação era “mais do que um pouco mentiroso, pois, mesmo no final do século dezoito, tornou-se intrínseco à acumulação de capital que ela era interminável”¹⁰ (Land, 2011, p. 129). Essa afirmação não desconsidera de modo algum o argumento da morte por júbilo, somente o qualifica: torna-se claro que seu perigo não é relativo aos prazeres da cultura, e sim unicamente aos contentamentos que representam o desgaste, muito embora isso não esteja explícito no texto da *Antropologia*. A máxima exposta acima e o argumento do prazer fatal não se excluem reciprocamente.

Além da máxima da acumulação, há também a perspectiva da produtividade, o que faz com que Kant sugira a retardação das satisfações advindas da atividade sexual por se tratarem de uma forma de dispêndio. Toda forma de consumo – para acompanhar o vocabulário conceitual batailliano – deve ser produtiva na economia kantiana. O que justifica que, no lugar de uma sexualidade livre e transbordante, o trabalho duro deva ser privilegiado, muito embora este não seja uma espécie de prazer, e sim de desprazer. Ao lado da

⁹ No original, “If pleasure is to be suspended, this is at least in part because it should be capitalized”.

¹⁰ No original, “more than a little mendacious since, even at the end of the eighteenth century, it had become intrinsic to capital accumulation that it was interminable”.

máxima do acúmulo está, portanto, o princípio da produtividade no direcionamento econômico das dinâmicas de prazer/desprazer em Kant.

A centralidade do trabalho nesta economia poderia ser naturalmente questionada agora, uma vez que o próprio Kant afirma que o trabalho é desagradável e, portanto, uma espécie de dor, o que também significa que é um entrave para o prosseguimento do acúmulo de prazer de um indivíduo. Num primeiro momento, a centralidade do trabalho parece estar alinhada apenas com o princípio da produtividade, permanecendo incompatível com a máxima da acumulação, mas não é este o caso. Como já foi dito anteriormente, para Kant, o trabalho é o que proporciona o justificado bem-estar oriundo de seus resultados. Além disso, Kant fala ao menos duas vezes sobre o prazer do descanso após o trabalho: em sua *Antropologia* (p. 121/ VII 232) e em *Sobre a pedagogia* (p. 50). Vemos, agora, que a centralidade do trabalho não opõe a máxima da acumulação, muito pelo contrário. A justificação para a centralidade do trabalho nesta economia é, portanto, múltipla: ele é um modo produtivo de consumo (não um dispêndio), conduz a uma espécie de prazer que não diminui a disposição para o trabalho (como a atividade sexual), mas a fortalece, e não é um desgaste, isto é, um tipo de contentamento que embota a receptividade para futuros prazeres de mesma ordem.

4 Burguesia e utilidade

Georges Bataille foi um pensador que criticou a lógica da produção e da utilidade presente no mundo capitalista de seu tempo. O filósofo chegou a sugerir explicitamente, sem evitar qualquer polêmica, que a classe trabalhadora levasse a termo a luta de classes através de uma revolução sanguinolenta que extinguisse a burguesia (Bataille, 2020, p. 31). A definição da classe burguesa como aquela que detém os meios de produção não é incorreta, mas parte da produção como principal fator social. Para a filosofia batailliana, por outro lado, a burguesia precisa ser compreendida a partir da maneira como se relaciona com o princípio da perda. Nessa perspectiva, a burguesia é a classe que se define pela negação do dispêndio, assumindo uma posição que nega a própria natureza humana dos

trabalhadores, na medida em que os interdita o prazer livre, os subjugando às atividades produtivas e ao mero descanso muitas vezes insuficiente.

O princípio da perda tem uma função social de regulação dos produtos, dos recursos e também da energia dos indivíduos. Às camadas mais ricas de uma dada população é incumbido um importante dispêndio funcional, e é justamente esse papel que tem sido deixado de lado pela burguesia, que dispende senão para si mesma. É esse o caráter anômalo do capitalismo: sua existência social depende de uma classe que tem, como sua razão de ser, o ódio ao dispêndio (Bataille, 2020, p. 28).

Bataille se dava conta de que o pensamento burguês impregnava o discurso teórico de sua época, como se vê na seguinte passagem:

O prazer, quer se trate de arte, de desregramento admitido ou de jogo, é definitivamente reduzido, nas representações intelectuais *que tem curso*, a uma concessão, ou seja, a um descanso cujo papel seria subsidiário (Bataille, 2020, p. 20).

Essa descrição do pensamento burguês do século vinte vai ao encontro do pensamento kantiano, muito embora o filósofo alemão tenha vivido no século dezoito. Em verdade, por muitas vezes Bataille parece estar fazendo uma descrição do pensamento kantiano quando, na realidade, sua referência explícita é a intelectualidade burguesa de sua época. Kant parece ser a epítome perfeita (mas raramente citada) para Bataille não somente quando se trata do discurso burguês, mas também da “consciência comum” sob o capitalismo, como se vê no exemplo que se segue, no qual Bataille descreve o sentido de utilidade que a impregna:

Esta tem teoricamente como finalidade o prazer – mas somente sob uma forma moderada, pois o prazer violento é tido como *patológico* – e se deixa limitar, por um lado, à aquisição (praticamente à produção) e à conservação dos bens e, por outro, à reprodução e à conservação das vidas humanas (Bataille, 2020, p. 19).

De acordo com o que foi apresentado anteriormente no presente artigo, a citação acima poderia muito bem ser um comentário à teoria do prazer de Kant, mas o filósofo não é sequer citado no texto de Bataille. A referência implícita do

autor é Jeremy Bentham, que cunhou o princípio da utilidade, ao qual a consciência comum de sua época tende a aderir, segundo Bataille. O princípio da utilidade (que, no seu contexto original, legitima ou deslegitima uma ação a partir de sua tendência a aumentar ou diminuir a felicidade), quando aplicado à economia política, aprova ou desaprova os gastos (de dinheiro, de energia, de recursos etc.) de acordo com a sua tendência a aumentar ou diminuir a produção e o acúmulo de capital. Bataille é crítico não somente do utilitarismo, mas principalmente da aplicação burguesa do princípio da utilidade e da sua disseminação entre a consciência comum.

Apesar de Kant representar, no sentido aqui exposto, um pensamento burguês, sua filosofia não era utilitarista. Ao contrário: a ética kantiana ignora as consequências das ações, atendo-se unicamente à sua íntegra adequação ao dever moral, como exposto na *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Uma ética baseada no dever é inteiramente diversa de uma ética consequencialista como a utilitarista, o que indica uma divergência fundamental entre Kant e Bentham, por exemplo, mas, apesar disso, a teoria kantiana do prazer está, como se viu acima, conforme à descrição batailliana do conceito de utilidade empregado na versão econômico-política do princípio de utilidade. Então, muito embora a ética explícita de Kant nada tenha a ver com utilidade ou com fins, demais escritos do autor (como a *Antropologia* e a *Pedagogia*) se ancoram em um sentido de utilidade que não pode ser ignorado se quisermos levar a sério suas recomendações acerca dos contentamentos e do trabalho. E, nesse sentido estritamente batailliano, a teoria kantiana do prazer é utilitária, ou seja, conforme ao pensamento burguês.

Ainda em outros aspectos, o discurso kantiano se aproxima da burguesia como Bataille a concebe, como no que diz respeito ao luxo; o autor se refere ao luxo como “um dispêndio desnecessário” que “traz danos ao bom modo de vida”, recomendando, em seu lugar, a moderação, pois esta “tanto amplia o prazer, quanto o torna duradouro” (Kant, 2006, p. 138 / VII 250). Não espanta que Kant recuse o luxo, tendo em vista que, para Bataille, o verdadeiro luxo nada tem a ver com a burguesia:

Um luxo autêntico exige o desprezo total pelas riquezas, a sombria indiferença de quem recusa o trabalho e faz de sua vida, por um lado, um esplendor infinitamente arruinado e, por outro, um insulto silencioso à laboriosa mentira dos ricos (Bataille, 2020, p. 85).

A única condição sob a qual Kant poderia aceitar o dispêndio luxuoso é que os gastos sejam restituídos à sociedade, como nos investimentos em eventos artísticos, por exemplo (Kant, 2006, p. 138 / VII 250), de modo que não haja perda, pois o investimento retorna. Para que a acumulação e a produção se combinem num progresso interminável, a classe burguesa tem de evitar modos de consumo improdutivos numa escala social – mesmo a energia do corpo precisa ser direcionada à lógica capitalista da produção. O consumo improdutivo sob o regime do capital tem de retornar como capital acumulado e investimento em produção, de modo que, a nível sistêmico, não haja perda – assim como na economia do prazer de Kant. O que a máxima da acumulação e o princípio da produtividade demonstrados anteriormente têm em comum é a necessidade de evitar o dispêndio a todo custo. O desprezo que a burguesia tem pelo consumo dispendioso ressoa nas advertências de Kant sobre modos de prazer dispendiosos (como a atividade sexual sem fins reprodutivos) e em suas recomendações acerca do trabalho. Por isso que o trabalho é tão central para as duas economias, a capitalista e a kantiana: ele é uma forma de consumo produtivo que desemboca em uma forma de prazer que não é nem desgastante nem dispendiosa – o descanso –, de modo que nunca haja perda efetiva para a economia, e sim acúmulo indefinido de capital (seja de prazer ou de dinheiro).

Considerações finais

Apesar de a principal referência sobre a economia capitalista do presente artigo ser a obra de Bataille, um crítico ferrenho do capitalismo, a intenção não é a de criticar ou de problematizar nem a economia capitalista, nem a teoria kantiana do prazer, que a ele se assemelha nos termos expostos anteriormente. Seguindo a linha de Nick Land, a intenção é apontar ligações entre a filosofia kantiana e elementos importantes do capitalismo, o que acrescenta recursos que corroboram com a enigmática afirmação landiana de que Kant e o capital seriam

dois lados da mesma moeda. Por outro lado, o artigo não procura oferecer uma explicação exaustiva para a afirmação de Land, o que demandaria um trabalho muito mais extenso.

Como dito anteriormente, a hipótese de que há uma economia do prazer na obra de Kant não foi defendida por nenhum dos autores que constam na bibliografia, e o próprio Kant não se referia ao prazer de modo explicitamente econômico. A ideia de uma economia kantiana do prazer é inspirada na economia libidinal de Freud e sustentada, principalmente, ao se levar a sério o argumento da morte por júbilo, a partir da sugestão de Land. Por outro lado, essa interpretação econômica do prazer não depende de nada exterior aos escritos de Kant, pois o argumento se mantém firme atendo-se unicamente à obra kantiana.

Por fim, a aproximação com a economia política – inspirada no movimento de Lyotard em sua *Economia libidinal* – é o ponto que depende não apenas de uma interpretação particular, mas também de elementos alheios à filosofia kantiana. Com a filosofia de Bataille, pudemos aproximar a teoria kantiana do prazer com a lógica capitalista da produção e do acúmulo. Se toda economia política é libidinal, como afirmou Lyotard, talvez seja o caso também de toda economia dos prazeres humanos ser política.

Referências

- BATAILLE, G. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. 2. ed, rev. Tradução de Júlio Castaño Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. 2. ed. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FREUD, S. “O problema econômico do masoquismo”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KANT, I. *Começo conjectural da história humana*. Tradução de Edmilson Menezes. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2019.

KANT, I. *Sobre a pedagogia*. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

KANT, I. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Tradução de Rodrigo Naves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

LAND, N. *The thirst for annihilation: Georges Bataille and virulent nihilism: an essay in atheistic religion*. London: Routledge, 1992.

LAND, N. “Delighted to death” in: *Fanged noumena*. London: Urbanomic/Sequence Press, 2011.

LYOTARD, J.-F. *Libidinal economy*. Tradução de Iain Hamilton Grant. London: Bloomsbury Academic, 2015.